A minha escolha recaiu sobre *A Sibila*, de Agostinha Bessa Luís. Esta escolha deve-se ao facto de eu ser uma admiradora da autora e de, desde muito cedo, considerar esta protagonista como uma das principais na galeria das minhas preferidas.

Primeiro, por ser uma mulher que se destacou na sociedade rural machista portuguesa dos anos 50, Quina desafia normas da época, ao encarregar-se, após a morte do pai, da propriedade familiar que mantém e amplia, provocando a admiração e a inveja da sociedade local. Ao desenvolver poderes espirituais de vidente e curandeira, passa a ser referida pela designação de “sibila” que deu o título ao romance.

Admiro também a forma com, ao longo da narrativa, e por força das circunstâncias da vida, é evidenciado o desprezo que Quina sente pelas mulheres ao seu redor cuja categoria julga deprimente e cuja condição luta por superar até chegar a ser “senhora absoluta dentro daquele pequeno reino de campos, moinhos” e “apontada como cabeça de família, conhecida na feira e no tribunal”.

As passagens que eu quis salientar referem-se às que dizem respeito à entrada na vida desta mulher tão forte e decidida de um jovem que a iria frequentemente “dominar” e que acompanhou parte da sua vida solitária.

Vemos crescer uma relação cheia de ambiguidades e bastante surpreendente, de afetividade dinâmica e transformante entre dois seres que nada têm a ver um com o outro, percebendo-se sempre a existência de uma linha ténue entre o amor e a necessidade de se ser amado, a preocupação e o proveito. Se, ao princípio, Quina sente pena do jovem que lhe pediu que o aceitasse como criado e faz dele o seu hortelão, aos poucos, Custódio, com o seu charme e a sua beleza, aprendeu depressa a dominá-la e caiu-lhe como um “anátema no coração” que se transforma numa devoção incompreensível, paralela à “humildade apaixonada” que ela dedicara a seu pai. No seu testamento, Quina deixa a Custódio as duas propriedades que adquiriu depois da morte da mãe, apesar de ele a ter pressionado para que tudo lhe legasse.

Apesar dos dissabores sofridos por Quina, ao longo da sua história com este rapaz, como se de uma mãe se tratasse, podemos dizer que a sua vida se tornou bem mais rica e preenchida, como é a de todas as mães.

Embora não seja propriamente um texto que descreve outras culturas, podemos considerar que se trata de uma outa realidade diferente da que vivem os jovens de hoje e, por isso, podemos concluir que se trata de outa cultura, sendo, no entanto, vivida em Portugal. Para além da inclusão (vivências diferentes como as da protagonista da obra e do seu protegido), deparamo-nos também com exclusão de género e de classes sociais, assim como da falta de liberdade. Temas sobejamente interessantes para despertar para a leitura.